

XIV Jornadas de Investigación y Tercer Encuentro de Investigadores en Psicología del Mercosur. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2007.

# **Psicanálises possíveis: a clínica psicanalítica nas dificuldades de aprendizagem.**

Barone, Leda Maria Codeço.

Cita:

Barone, Leda Maria Codeço (2007). *Psicanálises possíveis: a clínica psicanalítica nas dificuldades de aprendizagem*. XIV Jornadas de Investigación y Tercer Encuentro de Investigadores en Psicología del Mercosur. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-073/494>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/e8Ps/beM>

*Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.*

# PSICANÁLISES POSSÍVEIS: A CLÍNICA PSICANALÍTICA NAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

Barone, Leda Maria Codeço  
Centro Universitário Fieo. Brasil

## RESUMEN

O trabalho com pacientes com dificuldades de aprendizagem coloca questões importantes a quem se dispõe a tratá-los. Isto porque tais pacientes apresentam um quadro de comprometimento que extrapola o campo de ação específico de diferentes profissionais. Assim o encaminhamento desses sujeitos para psicanálise convencional nem sempre é adequado por motivos inerentes a própria análise. Outras vezes a natureza da dificuldade demanda ação especializada sobre o sintoma. Porém o encaminhamento para uma reeducação dos sintomas pode trazer outras dificuldades como: irredutibilidade e reincidência dos sintomas ou sua substituição por outros. A resolução desse impasse exige um refinado conhecimento daquilo que torna eficaz a ação do analista. Reconhece o método da Psicanálise, a interpretação, entendida como *ruptura de campo*, como instrumento eficaz para a clínica das dificuldades de aprendizagem, tanto por sua função heurística quanto por sua função terapêutica. Um exemplo da clínica vai ilustrar a proposta aqui defendida. A partir do atendimento de um menino de seis anos, o presente trabalho vai discutir o ato interpretativo na clínica das dificuldades de aprendizagem e seus efeitos na constituição subjetiva do aprendiz. A proposta aqui apresentada exige, daqueles que a utilizam, análise pessoal, estudo teórico e supervisão.

## Palabras clave

Clínica psicanalítica Dificuldade aprendizagem

## ABSTRACT

### POSSIBLE PSYCHOANALYSIS: THE PSYCHOANALYTICAL CLINIC OF LEARNING DISABILITIES

The psychotherapeutic work with patients with learning disabilities brings about important issues to those who are treating them. This happens because these patients present different kinds of disabilities that overstep the specific field of action of different professionals. In this manner, placing these patients under conventional psychoanalysis may not always be adequate because of inherent reasons in analysis. Other times the nature of the learning disability requires a specialized action towards the symptom. However, to place the patient under reeducation can bring about a new set of problems, such as irreducibility of symptoms, relapse of symptoms or its substitution by others. Solving this problem requires a refined knowledge of what makes the analyst's action effective. The psychoanalytic method of interpretation understood as "field rupture" is an effective intervention for learning disabilities, both because of its heuristic and therapeutic functions. A clinical example will be presented in order to illustrate these ideas. Through the discussion of the treatment of a six year old boy, this presentation is going to discuss the interpretative act in the treatment of learning disabilities and its effects on the subjective constitution of the apprentice. The therapeutic proposal here presented requires from its practitioners personal analysis, theoretical study and supervision.

## Key words

Psychoanalytical clinic Learning disabilities

O trabalho com pacientes com distúrbios de aprendizagem coloca questões importantes a quem se dispõe a tratá-los. Isto porque, quase sempre, tais pacientes apresentam um quadro de comprometimento que extrapola o campo de ação, específico de diferentes profissionais, pois, para além da materialidade do sintoma, ele é sempre um dizer do sujeito diante do mundo. Assim o encaminhamento desses sujeitos para uma análise convencional nem sempre é adequado por motivos inerentes à análise como: a não focalização do sintoma; a dificuldade de levar adiante uma análise (quando não existe por parte do sujeito o desejo de análise) e também devido à sua longa duração. Outras vezes, a natureza da dificuldade demanda ação especializada se considerarmos: 1- a hierarquização da aprendizagem; 2- que existe um momento ótimo para certa aprendizagem, e 3- a importância que tem a aprendizagem para a constituição subjetiva. Dessa maneira, dependendo da defasagem e do tipo de sintoma apresentado, será necessária também uma reeducação. (Barone, 1993).

Já o encaminhamento para a reeducação dos sintomas pode trazer outros tipos de dificuldades, como freqüentemente observamos: a irredutibilidade, a reincidência ou mesmo a substituição dos sintomas, apesar de repetidas tentativas de reeducação. O que fazer, diante deste impasse? Penso que a resolução deste impasse exige um refinado conhecimento daquilo que torna eficaz a ação do analista. Refiro-me aqui ao método psicanalítico, a interpretação, entendida como *ruptura de campo*. Apenas a segurança metodológica pode sustentar o trabalho do analista que, diante das dificuldades de aprendizagem, deverá inventar sua técnica através da utilização de recursos diversos como a literatura, a realização de tarefas ou mesmo a dramatização.

Observando as diferenças flagrantes entre as diversas escolas psicanalíticas no que dizia respeito a seus postulados, teorias e técnicas, e o efeito mais ou menos semelhante, Herrmann levanta uma hipótese de trabalho que acaba por embasar todo seu pensamento. Tal hipótese era a de que havia um operador comum presente em todas as formas de psicanálise e de psicoterapias. Descobre este operador no método interpretativo, ou seja a *ruptura de campo*. O autor assim se justifica:

*Num certo momento da análise, certo paciente orbita em torno de algum tema psíquico que o aprisiona. Ele não pode exprimir diretamente, pois este tema é inconsciente, mas toda as suas idéias, sentimentos e falas parecem indicar uma estrutura geradora que o psicanalista também desconhece, mas suspeita existir. A tal estrutura chamemos campo. Que busca fazer o analista? Romper este campo, para que suas regras se mostrem. Todavia, ele não sabe o que deve romper e, pior, como esse campo possui efeito transferencial, igualmente o aprisiona na sessão. O recurso usado por todos os analistas - e esta é uma operação comum a todos, sem exceção - consiste em pôr em xeque a capacidade do campo, escutando seu paciente segundo registros diferentes daquele que intencionalmente lhe é proposto. Por exemplo, se o analisando conta uma experiência de sua vida, ele procura entendê-la como se fosse uma metáfora da situação partilhada no momento, se lhe narra um sonho, toma-o como ponto de partida para uma rede associativa etc. Ou seja, descentra-se da zona consensual do campo, mesmo sem saber de que campo inconsciente se trata*

ainda. (Herrmann, 1992:).

É proposta da Teoria dos Campos o resgate da essência da psicanálise, isto é seu método heurístico, a interpretação entendida como *ruptura de campo* capaz de produção de conhecimento e de teorias. Herrmann (1992) afirma que a Teoria dos Campos pretende ser instrumento de ligação entre as diferentes escolas ou sistemas psicanalíticos e diferentes disciplinas. Mais que um conjunto de teorias, ela pretende ser o veículo de articulação intra e inter psicanálise. A este respeito, assim se expressa o autor:

*A teoria dos Campos é antes de tudo um veículo de comunicação conceitual. Serve para comunicar a clínica psicanalítica com a teoria, as teorias entre si, os diferentes sistemas psicanalíticos - que impropriamente se conhecem também por teorias (teoria kleiniana, teoria lacaniana, etc.), sendo porém pacotes fechados que contém temas típicos, teorias sobre eles, estilo clínico particular, técnicas, jargão e instituição de ensino - e a Psicanálise com outras ciências humanas, bem como servindo para comunicá-la com a realidade social. Se você me entende, a Teoria dos Campos não é propriamente um setor da psicanálise, porém uma forma de utilizá-la por inteira: não só nas áreas que por tradição se consideram psicanalíticas, como também naquelas que não se consideram assim, mas que são objeto de psicanálises possíveis, ainda não existentes.* (Herrmann, 1992:7-8).

Também a clínica dos problemas de aprendizagem pode ser um interessante campo de trabalho com o método da Psicanálise. A complexidade dos sintomas aí apresentados acrescida da ineficácia dos métodos até então utilizados para saná-los exige o desenvolvimento de outra maneira de tratá-los que sem reduzi-los à sua materialidade, possa deixar surgir as regras inconscientes de sua organização.

Sustento aqui a utilização do método psicanalítico - a *ruptura de campo* - como um interessante e promissor método para a clínica dos problemas de aprendizagem.

Alguns esclarecimentos talvez, aqui sejam necessários. Refiro-me a conceituação do que chamamos campo e relação.

Para a Teoria dos Campos campo é aquilo que organiza as relações humanas. Dito de outra forma, toda relação acontece dentro de um campo. Mais precisamente, assim Herrmann define campo:

Campo é o inconsciente em sua ação concreta. Não necessariamente o complexo de Édipo ou qualquer outra das formações psicanalíticas conhecidas, mas o inconsciente de uma relação humana. A decifração de qualquer relação - individual ou coletiva, intra-pessoal, inter-pessoal, uma obra cultural, um período histórico - mostra os determinantes da consciência nela empenhada, ou seja, seu inconsciente relativo, o inconsciente da relação. O ato que o faz surgir é a *ruptura de campo*. (Herrmann, 1991:109).

Um exemplo da clínica poderá ilustrar o que defendo aqui. Em certa ocasião, recebi em meu consultório um menino às vésperas de completar seis anos. Vinha encaminhado porque apresentava grande desorganização e seus pais temiam que ele não pudesse aprender a ler e a escrever. Com um primeiro diagnóstico de autismo e outro posterior de psicose infantil, este menino já fazia análise há cerca de três anos numa frequência de 4 sessões semanais quando vem a meu consultório.

Recebo um menino de compleição miúda, de olhar assustado mas ao mesmo tempo doce. Falava muito pouco e apresentava grande movimentação. Seus gestos eram precisos, mostrava ótima habilidade motora. Tanto em sua motricidade ampla como na fina. Era capaz de subir na cadeira, nos móveis da sala e inclusive no muro da casa onde funciona meu consultório. Também era capaz de abrir e fechar pequenos frascos, passar água de um recipiente para outro sem derramar. Mas mostrava

grande desorganização na forma de explorar os objetos da sala. Regularmente espalhava as peças dos diferentes jogos que manipulava de maneira que quando deixava a sala eu costumava pensar: "Não deixou pedra sobre pedra". Além das peças espalhadas na sala ele também tentava escrever seu nome na lousa colocando as letras em grande desordem: um f à direita superior, um a no lado oposto da lousa e assim por diante. Esta desorganização impediu-me de fazer uma avaliação mais sistemática de sua capacidade de aprender. Por outro lado eu intuía que ele era inteligente. Talvez pela precisão de seus gestos e por alguma coisa que me comunicava com seu olhar.

Assim foram nossos primeiros encontros: peças dos jogos espalhados pelo chão, letras espalhadas na lousa, saídas e voltas para a sala. Ele pouco atendia ao que eu lhe falava. Parecia não entender ou não dar a mínima. Passei a deixar um espaço entre suas sessões e às do paciente seguinte tal era o estado de desorganização da sala e naturalmente minha. Precisava de um tempo para arrumar a sala e para aquietar as angústias despertadas.

Um certo dia, ao recebê-lo vou até a lousa e escrevo seu nome, fazendo uma moldura ao redor dele, ao mesmo tempo em que falo seu nome: Fabio. Este ato meu produz efeito. A partir deste momento desaparece o espalhar, das peças dos jogos e das letras na lousa. Fabio passa a propor outro tipo de atividade. Colore água (misturando com tinta) que passa de um recipiente a outro, várias vezes. Depois passa a fazer um jogo de esconde-esconde comigo. Às vezes vai à sala em que atendo adultos e esconde-se embaixo do divã, outras vezes atrás da poltrona. Eu devo procurá-lo ao mesmo tempo em que falo: "Onde será que está Fabio?" "Será que está debaixo do divã?" ou "Será que está atrás da poltrona?" Trabalhamos muitos dias nesta situação de mostrar-se e esconder-se. Naturalmente que o barato era ser encontrado. Mas, penso que foi de muita importância também permanecer escondido, em segredo porém existindo, atrás de uma porta ou de uma poltrona, debaixo do divã. A minha presença e busca davam a ele, creio, o sentimento de existência.

Até que, aos poucos Fabio começa a pedir-me que leia estórias para ele, dando início então a um longo período no qual trabalhamos leitura e escrita a partir dos gibis infantis que Fabio tanto gostava.

Este fragmento do atendimento de Fabio vai me servir para falar do método da psicanálise - a interpretação como *ruptura de campo*. Escrever seu nome na lousa e contorná-lo enquanto o nomeava teve efeito de ato interpretativo. Funcionou como interpretação psicanalítica, entendida como *ruptura de campo*. Aprisionado no campo da confusão ou da desorganização de seu frágil ego, Fabio repetia na relação transferencial a fragmentação experimentada. As peças espalhadas na sala e as letras na lousa refletiam este estado de alma até que o ato interpretativo o tira da confusão permitindo a construção de um contorno, a delimitação de um dentro e de um fora, a construção de sua identidade. Interessante notar aqui o valor da nomeação. Contornar seu nome na lousa, ao mesmo tempo em que o nomeava, teve o efeito de aposta. Eu antecipava ali onde ainda a princípio não havia, uma unidade. Da mesma forma que a palavra do Outro instaura o lugar de sujeito. Esta mesma questão vai surgir nas brincadeiras que se seguem. Enquanto passa a água de um recipiente para outro Fabio constrói o dentro e o fora. O continente e o conteúdo. Constrói capacidade de conter seus pensamentos e sentimentos dentro de uma forma que apesar das mudanças - vidros grandes, pequenos, largos, estreitos - ainda assim conserva o conteúdo.

A mesma questão aparece no jogo posterior de esconder-se para ser achado. Aqui estamos em cheio no trabalho de construção da identidade e da realidade; do sujeito e do objeto. Ao esconder-se Fabio colocava em jogo o ser para o outro. Escondido, mas sabendo-se buscado, Fabio experimentava

sua continuidade no tempo e no espaço construindo uma distância entre o sujeito e o objeto, a ser preenchida e mediada pelo simbólico. Criando por fim condição para viver a aventura de aprender.

A proposta aqui apresentada, afeita a meu modo de pensar os problemas de aprendizagem, exige daqueles que a utilizam um percurso em análise pessoal, estudo teórico e supervisão.

---

#### **BIBLIOGRAFÍA**

BARONE, L.M.C. (1993). De ler o desejo ao desejo de ler. Petrópolis: Editora Vozes.

HERRMANN, F. (1991). Andaimos do real. O método da psicanálise. São Paulo: Editora brasiliense.

HERRMANN, F. (1992). O divã a passeio. São Paulo: Editora brasiliense.